



Nossos corpos são políticos e nossa dor é ação: Maria, Carolina, Joana e Lola.

Elisangela Araújo

Tradicionalmente, o conceito de política é associado à esfera da governança e à tomada de decisão pelos poderes públicos. No entanto, nos últimos anos, a noção de política foi expandida para incluir as experiências pessoais e corporais de indivíduos, particularmente aqueles que foram historicamente marginalizados, oprimidos, vulneráveis e estigmatizados. A dimensão política do nosso corpo físico, enquanto mulheres, e o potencial de nosso sofrimento para inspirar ação coletiva podem nem sempre ser evidentes, mas carregam uma força de mudança e de transformação social reconhecida, inclusive, pelo direito brasileiro. Das oito principais leis que protegem, especificamente, a mulher, a metade leva o nome daquelas que transformaram a violência em direito para todas: Maria da Penha; Carolina Dieckmann; Joanna Maranhão; e Lola.

É extraordinária a ideia como os nossos corpos políticos são moldados por fatores sociais e culturais e nossa visão pessoal e identidade estão suturadas nos processos de construção coletiva do que é ser mulher. Corre por nós uma visão pessoal e uma visão social do deveríamos ser e do que somos. Por isso, que nos tornamos mulher e reconstruímos o que é ser mulher no século XXI. O argumento de que nossos corpos são políticos ilustra também as várias formas de discriminação que uma pessoa pode sofrer, seja a partir da etnia, do gênero, do sexo, da idade, da desabilidade, etc. Por isso temos, na Bahia, números alarmantes de feminicídio, uma a cada quatro dias (SEI/SPM 2022), e de transfobia, segundo maior estado com registro de assissanato (ANTRA 2021).

E o que emerge da nossa dor? O que surge da cultura do estupro, do abuso, da violência sexual, do machismo, do assédio em todos os meios? Até agora, algumas de nós transformaram seu luto, sua dor, em luta, em ação, em lei.

Nossos corpos são políticos e nossa dor é ação. É a dor que muda tudo, dor que mostra que o corpo é o mapa, o itinerário de luta das mulheres que buscam por equidade e sororidade. Por isso que muitas mulheres aprendem a transformar dor em amor. Parafraseando Maya Angelou, toda vez que uma mulher sofre todas nós sofremos. Toda vez que uma mulher se defende, ela defende a todas nós.